

Entrevista com Giuseppe Civitarese*

Entrevista concedida pelo psicanalista Giuseppe Civitarese em 21 de agosto de 2015, na sala Paulo Annes, aos representantes do conselho editorial da Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre: Tula Bisol Brum, Rosane Schermann Poziomczyck, Vânia Dalcin, Suzana Iankilevich Golbert, Lúcia Thaler, Patrícia Lago, Kátia Ramil Magalhães e Cristiano Freitas Frank.



* Membro associado da Sociedade Psicanalítica Italiana (SPI) e membro da *American Psychoanalytic Association* (APsaA) e da *International Psychoanalytical Association* (IPA).

RP – *Boa tarde a todos, hoje, dia 21 de agosto de 2015, temos o imenso prazer de receber o nosso ilustre convidado Dr. Giuseppe Civitaresse, para conversar conosco na Revista.*

Giuseppe Civitaresse – Muito obrigado.

RP – *Dr. Civitaresse, costumamos começar nossas entrevistas procurando conhecer os nossos entrevistados. Gostaríamos, então, que o senhor comentasse sobre a sua trajetória profissional, que aspectos julga terem sido mais importantes em sua formação analítica e que influências recebeu dentro e fora da psicanálise.*

Giuseppe Civitaresse – Primeiramente, bastante cedo, me interessei por Freud, quando das *scuole medie* na Itália, no período dos 12 aos 14 anos, porque tinha um professor de ciências apaixonado por cultura. Ele nos fez conhecer muitas personalidades, entre as quais Marx, Pascal e esse estranho senhor que se chamava Freud e pretendia interpretar os sonhos. Portanto, com 14 anos, comprei minha primeira edição de *A interpretação dos sonhos*, que não li, porque não entendia absolutamente nada. Permaneceu, contudo, o interesse por Freud, evidentemente motivado, também, por pulsões puberais e pré-adolescentes. De fato, sempre fui muito curioso quando se falava de psicanálise em revistas de cultura geral, o que ocorria mais do que agora.

Fiz depois o *Liceo Classico*, o Ensino Médio, dos 14 aos 19 anos, em que se estuda grego, latim, filosofia. Isso deixou em mim uma fortíssima marca. Sinto-me muito feliz por ter frequentado essa escola. No final daqueles anos, outra marca muito forte me foi deixada pelo movimento de psiquiatria antinstitucional na Itália. Lembro que cursava o penúltimo ano dessa escola e fui assistir a uma palestra pública de Franco Basaglia, o psiquiatra que levou à abolição dos manicômios em meu país. Sucessivamente – apesar de ter nascido no centro da Itália – estudei medicina em Pavia, em uma faculdade muito antiga, já com a ideia de fazer psiquiatria e depois psicanálise. Lembro-me que a paixão por Freud sempre foi muito viva. Era capaz de estudar horas e horas à tarde e a seguir, durante uma hora e meia, ler algo das obras de Freud com extremo prazer. O que significa estar mesmo apaixonado.

A escolha de Pavia, casualmente, foi muito feliz, por ser a única de especialização em psiquiatria em que todos eram psicanalistas e onde o trabalho do psiquiatra era concebido, também, como uma tarefa em que era necessário centrar-se na relação com a pessoa e não somente nos aspectos sociais ou ligados

à psicofarmacologia. Lá conheci alguns dos melhores analistas italianos: Franco Petrella, um de nossos antigos presidentes, Francesco Barale, Dario De Martis, uma das pedras fundadoras dessa escola, também analista, e outros colegas. Pavia é uma das pequenas capitais da psicanálise italiana. Pequena porque a cidade é pequena, uma típica cidade universitária, onde a presença dos analistas é muito forte. Basta pensar que lá vive Antonino Ferro, que chegou a Pavia pelas mesmas razões que eu; vindo da Sicília, também procurava uma boa escola de psiquiatria. Após, aos 30 anos, comecei minha formação psicanalítica no Centro Psicanalítico de Milão, quando recém tinha me tornado psiquiatra.

Por muitos anos trabalhei com os pacientes graves na Divisão de Casos Agudos do Hospital Civil, do Policlínico; por 6 meses trabalhei em um hospital psiquiátrico, o que foi uma experiência dura, mas também muito importante. Fiz duas análises com dois analistas diferentes, um que eu definiria como pós-kleiniano e a segunda com um analista italiano, mas de escola francesa. Como podem ver, andei por outros lugares, um pouco como dizer que poderia falar várias línguas. Absorvi-as (*risos*)! O encontro decisivo deu-se após, com Antonino Ferro, meu segundo supervisor. O primeiro foi Giuseppe Di Chiara, milanês, também siciliano, uma das pessoas mais finas e competentes da nossa Sociedade, uma das mais criativas, que, apesar de morar em Pavia, já saíra da Universidade.

Eu fiz, por breve período, carreira acadêmica, realizando um doutorado de pesquisa após a especialização em psiquiatria. Nessa época, conhecia Ferro somente através de seus escritos; lembro ainda dos termos entusiastas com que me referia a ele para o meu primeiro analista. Refiro-me, sobretudo, ao livro *Técnica na psicanálise infantil*, absolutamente incrível. Fiz 6 anos de supervisão com Ferro. Depois nos tornamos amigos, e nasceu uma longa e profícua colaboração. Em janeiro desse ano [2015], ou dezembro, saiu um livro que escrevemos juntos. Por enquanto só em inglês, se intitula *The analytic field and its transformations*. Fazemos muitas coisas juntos, agora participamos da diretoria nacional da Sociedade Italiana de Psicanálise. Mas, sobretudo, nos divertimos bastante (*risos*).

Outra influência importante foi Meltzer, que conheci tendo ido assistir a algumas supervisões; Giuseppe Di Chiara foi quem traduziu e introduziu seus livros na Itália. Outra influência decisiva foi Ogden, a quem conheci através dos escritos: o primeiro, um seminário sobre seu trabalho, de 1979, acho, relativo à identificação projetiva. Estava nos últimos anos de minha especialização em psiquiatria e, desde então, nunca parei de lê-lo. Já se passaram vários anos, nos tornamos amigos, me sinto muito honrado por isso, nos encontramos algumas

vezes na Itália. Em São Francisco, em junho passado participei de um seminário no grupo que tem na sua casa, o que também foi uma grande honra.

Então tive e tenho a honra de trabalhar com – e de ter por mestres – certamente as duas personalidades mais influentes, hoje, no panorama internacional da psicanálise. Acredito serem as duas pessoas mais criativas, que fazem com que a nossa profissão continue viva e entusiasmante. Algo incrível é que ambos se complementam às maravilhas. Um denominador comum se deva, talvez, a Bion e a suas viagens. Bion morou em Los Angeles nos últimos 10 anos, morou na Itália, sobretudo em Roma. A partir daí – Corrao foi um dos mestres de Ferro – a coisa se ampliou inclusive no Brasil.

Eis porque estou em contato com vários colegas do Brasil, Roosevelt Cassorla, Elias Mallet da Rocha Barros, Celia Fix Korbivcher e outros que encontramos ontem à noite e com os quais me reúno regularmente quando dos encontros internacionais. É possível ver, portanto, que, do terreno semeado e fertilizado por Bion, nasceram coisas muito interessantes. Diria, porém, que, para a primeira questão, a resposta foi mais do que exaustiva (*risos*).

RP – *Obrigada. O senhor postula a existência de um inconsciente dentro do consciente. Gostaríamos de escutá-lo acerca disso e também sobre a implicação desse conceito na teoria do campo analítico.*

Giuseppe Civitaresè – Poderia estender-me por três dias respondendo a essa pergunta (*risos*). Mas tentarei ser sintético; depois vocês editam e sintetizam mais (*risos*). Gostaria de trazer todo o discurso que fiz ontem à noite, uma vez que versava sobre esse assunto. O conceito de inconsciente mudou enormemente: ao invés de falar em traduzir o inconsciente no consciente, agora falamos de tornar o consciente inconsciente. Isto é, alimentar e desenvolver este aparelho de simbolização dentro de nós, adquirido, substancialmente, através da mãe, da sociabilidade. Portanto, o inconsciente não é mais uma prisão em que há representações incompatíveis com o Super-Eu, que às vezes escapam e produzem sintomas, lapsus etc., mas o inconsciente como capacidade da mente de dar um significado pessoal à experiência. Utilizando os mecanismos retóricos estudados por Freud, que são aqueles do *Traumarbeit*, mas valorizando, no sonho, não tanto o aspecto destrutivo, ou de ocultamento do significado, e sim o aspecto de produção do significado.

Assim sendo, diz Ogden, este tipo de inconsciente, pela maneira como é conceituado sobretudo por Bion, expressa-se com sotaques de verdade que nosso pensamento consciente – que deve lidar com a vigília – não tem. Por quê? Porque

o pensamento inconsciente é capaz, simultaneamente, de ver a realidade a partir de múltiplas perspectivas. Fornece, assim, uma visão rica, não psicótica (*risos*), da realidade, que o pensamento consciente nos dá sob a forma de psicose da vida cotidiana. É claro, pois, que, entre as cesuras que venham a faltar, consta a cesura rígida entre processo primário e processo secundário. Torna-se, então, um *continuum*, senão Bion não poderia dizer que sonhamos mesmo quando acordados.

O que significa que sonhamos mesmo quando acordados? Se prestarmos bem atenção, se reduzirmos a visão focalizada que temos sobre as coisas, imediatamente veremos que nosso pensamento funciona assim como no sonho. Começamos a ter a *reverie*, a ver que a nossa mente está atravessada por todo tipo de imagens, segundo uma lógica que corresponde à retórica dos sonhos. Também os neurocientistas – se lerem o artigo escrito por Drew Westen e Glen Gabbard no *International* – dizem que, com base em seus dados, sem querer fazer curto-circuitos categoriais, não é mais aceitável uma cesura clara entre processo primário e processo secundário, no sentido de que nossas redes neurais funcionam sempre da mesma forma. Permanece o mistério de entendermos, então, o que é nossa consciência focalizada. Permanece o mistério de entendermos melhor, sim, sonhamos também quando estamos acordados, mas, sua relação com o sonho noturno, não o sabemos.

Eu imagino algo assim: o sonho é como estarmos diante de uma pintura de Piero della Francesca, complexa, com muitas personagens, ou diante de Jeronimus Bosch e o seu *Jardim das delícias*, no museu em Madri, com tantas personagens pequenas, ou das pinturas dos flamengos. Se nos concentrarmos em um único e pequeno aspecto – podemos ver somente uma diminuta parte da pintura – simplificamos o campo e temos a consciência focalizada. Isso nos serve para reduzir toda esta enorme ambiguidade importante para entendermos o sentido da vida e nos sentirmos reais; mas, se tivermos que construir uma ponte, melhor nos focarmos apenas em um pedacinho de toda essa pintura. Essa é uma narrativa pessoal, minha (*risos*). Sendo assim, se essa cesura clara não mais existe entre pensamento consciente e inconsciente, primário e secundário, se sonhamos mesmo acordados, significa que qualquer coisa que falamos sempre corresponde, também, a um ponto de vista inconsciente sobre aquilo que está acontecendo.

Apesar de termos essa capacidade de restringir a pintura, de alguma forma, aquela pintura sempre é ativa. Isso significa que qualquer coisa pode ser interpretada como o sonho da sessão, qualquer coisa sempre tem o seu viés inconsciente, mesmo se o paciente disser: – “Esta manhã o sol nasceu às x horas”. Sempre tem, mesmo aí, um significado que pode ser reconduzido às transformações do pensamento inconsciente da vigília. A partir dessas transformações narrativas,

tentamos retornar ao elemento de partida da transformação, a experiência emocional atual. Esse é o significado de usarmos todos esses dispositivos.

RP – *É realmente uma mudança de paradigmas.*

Giuseppe Civitarese – Sim, é claro que muda enormemente, pois mudam vários aspectos. Nós não tentamos mais entender; digamos que o objeto de estudo não é mais a mente do paciente, como essa está organizada intrapsiquicamente. A revolução copernicana de Bion foi, ao contrário, trazer uma atenção extrema para a mente, o continente. Ou seja, o desenvolvimento da mente depende das qualidades que esse continente tem; assim, a mente do analista se tornou realmente o lugar da cura. Mas a mente do analista sempre entendida em relação à mente do paciente, no sentido de que, dessa interação se cria algo mais do que a soma dos elementos de partida, isto é, se cria um espaço intermediário que Freud teria definido como *Zwischenreich* – outra de suas geniais antecipações – o espaço do meio, o terceiro intersubjetivo, o campo da análise, ou, talvez também, o terceiro de Green, apesar de eu não conhecer bem o conceito.

RP – *No seu entendimento, a projeção da função analítica da personalidade de cada membro do par cria uma função analítica de campo?*

Giuseppe Civitarese – Outro elemento de virada foi, de fato, a consideração cada vez maior da subjetividade do analista. O que isso quer dizer? Que o par analista/paciente, de certo ponto de vista, como que cria uma mente de grupo, um pequeno grupo composto por duas pessoas. E aqui voltam todos os estudos geniais de Bion sobre os grupos. Segundo a minha opinião, é aqui que tudo começa. Como podemos pensar na criação desse campo analítico? Geralmente, dizemos que se dá a partir do cruzamento das identificações projetivas de paciente e analista. Isso é para dizer que, seguindo o conceito de identificação projetiva, temos uma ferramenta psicanalítica conceitual já bastante experimentada, sobretudo depois que Bion fez disso um instrumento de comunicação normal e Ogden ressaltou o aspecto de pressão interpessoal. Portanto, nós não somente enviamos a carta, mas também nos ativamos para que essa chegue ao destinatário.

O que é projetado não fica somente na nossa fantasia, mas é importante que chegue ao seu destino. Isso é importante para mostrar como se desenvolve esta comunicação, de certa forma, inefável, que cria uma terceira dimensão. Pensem também na descoberta, que fizeram na Itália, dos neurônios-espelho. Foi surpreendente. Coloca em crise a distinção entre percepção e ação, porque, para

entender o outro, temos ferramentas neurofisiológicas através das quais vemos um movimento e o simulamos em nossa cabeça.

Vamos dar um exemplo mais prático. Suponhamos ler um texto do diálogo entre analista e paciente. Em sua dimensão inconsciente, como poderíamos distinguir o que pertence a um e o que pertence ao outro? Por definição, é impossível. Para mim, neste nível, deveríamos admitir um princípio de simetria. Mesmo se o paciente disser: “Hoje a estrada estava fechada”. Mas o que nós podemos saber da participação inconsciente do analista na produção de emoções depois relatadas pelo paciente com referência a uma narrativa sobre a estrada? Aqui seria possível fazerem-se também discursos filosóficos mais complicados que prefiro deixar de lado, como a crítica radical trazida no século passado por Wittgenstein, Merleau-Ponty e Heidegger e a crise tradicional do sujeito de Descartes.

A ideia que temos de sujeito isolado, na qual se baseia a psicanálise tradicional, é uma construção nossa e não um dado metafísico. De fato, depois de Freud mudou enormemente. Digamos que não somos mais donos da nossa própria casa. Por que não somos mais donos da nossa própria casa? Porque nossa identidade está baseada no fato de estarmos alienados, de termos um *alien*, um outro dentro de nós que é a linguagem. Nós somos falados pela linguagem, não falamos a linguagem. As palavras que pronunciamos fazem sentido somente porque cada termo que usamos assume o seu significado a partir de um jogo de identidade e diferença, virtualmente com todos os termos que pertencem a uma linguagem. Por isso não somos donos.

RP – *O que seria, em seu pensamento, o inconsciente inacessível? E qual a sua relação com o estado mental inacessível a que Bion se refere?*

Giuseppe Civitarese – Bion fala de inconsciente inacessível, se me lembro bem, no segundo texto sobre a grade, mas não tenho certeza. De qualquer forma, ele o usa, também aqui, segundo minha opinião, para tornar permeável a cesura entre o representacional e o não-representacional, o verbal e o pré-verbal. Ele formula a seguinte hipótese: nós devemos ser receptivos, o máximo possível também em relação a coisas que, de alguma forma, não conseguimos imaginar. E ele faz isso de um modo muito dramático, envolvendo-se inclusive pessoalmente. Em um de seus últimos escritos publicados, *Evidence*, Bion se pergunta quais são as evidências da psicanálise – quais são os fatos da psicanálise – e discute a importância de usar a intuição, a nossa ferramenta, em contraposição àquilo que os sentidos podem perceber. Em *Evidence*, caso os interessar, eu escrevi um

trabalho sobre isso, bastante apreciado, publicado pelo *Quarterly* e intitulado *Bion's evidence and his theoretical style*. É dramático, porque conta de um paciente que parecia estar indo bem, a respeito do qual parecia entender tudo, mas que, depois, se suicidou.

Bion escreve que, nesse caso, “Talvez eu não tenha entendido quais fossem seus medos talâmicos e subtalâmicos”. Isto é, “Possivelmente eu não tenha sido receptivo em relação à angústia que talvez fundasse suas raízes até mesmo na vida fetal”. Então, quando Bion se refere a inconsciente inacessível, para mim ele faz referência a isso. É muito especulativo, por certo, porém, se quisermos entender isso de forma mais restritiva, a importância desse conceito é mostrar que pensamos também com o corpo e que é extremamente relevante todo o saber de ordem implícita e procedural que possuímos. Isto é, o significado das memórias implícitas procedurais que se depositam em nosso corpo e que depois usamos como filtros para dar sentido à nossa experiência, mas que não são de ordem representacional, não podem ser tematizadas.

Portanto, o adjetivo *inacessível* refere-se, pelo menos, a dois significados principais: de um lado, essa vida fetal sobre a qual não sabemos nada – mas é fácil imaginar que, com base na própria cultura, quando a criança se encontra *in utero*, em seu estado fetal, a mãe a exponha, mais ou menos, a certos estímulos, dependendo, então, de elementos também de ordem cultural e que algo disso possa até ser impresso. O segundo significado de *inacessível* faz referência àquele saber do corpo que não é acessível enquanto representação. O tipo de saber de quem anda de bicicleta ou de quem toca piano, ou seja, está nas mãos, mas não é traduzível em representação.

Ultimíssima coisa: em Freud – isso foi dito por Francesco Barale e eu o achei muito justo – existe o império da representação, na sua construção teórica. Ao contrário, o fato de Bion recolocar a emoção no centro de sua construção e de sua teoria do pensamento significa também, para mim, recolocar no centro a importância do corpo. Não o corpo anatômico, mas o corpo vivenciado, o corpo investido pela sociabilidade, pela linguagem, pelos significados humanos.

RP – *E do seu ponto de vista, o que é a verdade e qual sua relação com a grade de Bion?*

Giuseppe Civitarese – Bion atribui muita importância ao conceito de verdade, porque diz que todos nós entendemos a psicanálise como exercício de verdade, apesar de ter sido considerada mais como verdade histórica, como um fazer lembrar de elementos traumáticos, pelo menos no primeiro Freud. Bion diz

que a verdade é alimento para a mente. Trata-se de uma afirmação genial, mas também muito complexa. Em qual sentido a verdade pode ser alimento para a mente? Porque é uma verdade emocional, informando, portanto, a pessoa sobre seu próprio estado, sobre o que está acontecendo, fornecendo um significado para a experiência vivida. Mas, sobretudo, para que seja verdade, precisa ser uma verdade compartilhada.

Para mim, por definição, cada verdade nasce, bem no início, do uníssono emocional entre mãe e criança. Também de um ponto de vista filosófico, acredito importante parar de usar tanto a ideia de verdade última, metafísica ou transcendental, a menos que não se trate do âmbito religioso, quanto a de verdade hiperrelativística, segundo a qual alguém pode falar qualquer coisa. Portanto, o único conceito de verdade que, na minha concepção, é vivenciável, é a verdade que se forma, dependendo dos casos, dentro da comunidade dos seres humanos, com todos seus dinamismos e problemáticas.

Geralmente, e para mim mesmo, eu representava isso dizendo que pertencemos a diversos *clubes*. Quando tinha certa ideia, eu desenhava círculos com áreas de sobreposição. Na realidade, não sei se já lera isso em Bion (*risos*), porque recentemente a reencontrei em uma página sua em que ele fala de círculos e de áreas de sobreposição. Pode ser que fosse dele, não minha. Creio, assim, que a única ideia de verdade que podemos ter é essa. De fato, em psiquiatria se fala, em relação ao delírio e não-delírio, de consensualidade. O delírio, por definição, é algo que se coloca por fora da consensualidade.

Recentemente, li um livro muito bom, de um inglês, *Groundless ground*, sobre as convergências entre o pensamento de Wittgenstein e o de Heidegger. Isto é, nós temos um *ground*, uma base, em que fundamentamos as nossas ideias, mas esse *ground*, essa base, por sua vez, não tem outro. É *groundless*. Por exemplo, se vocês lembrarem, a parábola de Wittgenstein parece-se muito com aquela do primeiro Bion em relação ao segundo Bion. O primeiro Wittgenstein é o do *Tractatus*, que queria definir com precisão, através de uma análise linguística, o que é verdadeiro e o que se pode afirmar. O segundo Wittgenstein é aquele dos jogos linguísticos e que diz que nada pode ser afirmado que seja verdadeiro ou falso, senão dentro de certo jogo linguístico. Como chegamos a participar de certos jogos linguísticos e quais sejam suas regras, não o sabemos. Da mesma forma, o primeiro Bion é aquele que joga com a matemática, que queria matematizar e formalizar a psicanálise, enquanto o segundo e último Bion é aquele de *Memória do futuro*, que escreve uma espécie de romance muito semelhante ao *Finnegans wake* e que deve ser considerado como um trabalho teórico de nível máximo.

Minha ideia, para fechar esta parte, é que, entre o uníssonos emocional de mãe e criança e a consensualidade dentro de uma comunidade científica, mesmo se pelos dados das ciências *duras*, existe uma continuidade absoluta. Isto é, mesmo o que os físicos nos dizem sobre como é feita a matéria, se voltássemos lá atrás, atrás, atrás, a base é aquele momento em que se ativa um uníssonos, ou seja, o compartilhamento de alguma coisa, com base emocional, entre mãe e criança, bem antes que existam as palavras.

Não saberia em que mais baseá-la. Escrevi isso muito claramente, em meu trabalho sobre a grade, no qual falo daquele conceito de Bion de pulsão da verdade. Também porque a história da ciência nos acostumou a ver que certas verdades, que pareciam escritas em pedra, acabaram mudando cinquenta anos depois.

Brevemente, sobre a grade, essa foi inventada por Bion em seu primeiro esforço, de fato, de formalizar a psicanálise. Então, o seu propósito era criar uma espécie de tabela, não lembro se era Mendeleev quem estudou os elementos, os metais... Ele tinha esta ideia, absolutamente perversa, que, depois da sessão, alguém poderia sentar com essa grade e ver tudo aquilo que tinha acontecido e colocá-lo dentro das várias células... loucura total (*risos*). Somente em um estágio antes do suicídio alguém poderia usar a grade de Bion dessa forma (*risos*)! Porém, se considerarmos a grade como uma ilustração gráfica do modelo transformacional do pensamento de Bion, então poderia ser muito interessante. Isso é o que tentei fazer naquele trabalho e, no final, foram abordadas também questões relativas à verdade, nos termos que mencionei antes. No sentido de que, no contexto da transformação e de regras de transformação, temos um elemento de partida e nossa mente realiza transformações sobre esse elemento de partida, fornecendo-lhe certa versão sob forma de narrativa, etc.

O conceito de transformação implica – o modelo de Bion é aquele da pintura – em podermos transformar o elemento emocional de partida que não conhecemos, *O*, de várias formas: se tivermos um campo de papoulas – esse é o seu exemplo – , Monet o desenhará de uma forma, Picasso de outra, e outro o desenhará de outra. Isso significa que podemos ter visões diferentes sobre o mesmo fato, mas todas compartilháveis. Implica em uma condição epistemológica muito avançada e em sintonia, para mim, com aquilo que os principais filósofos do século passado nos disseram, tanto da primeira quanto da segunda metade, sendo suficiente pensarmos em Derrida, por exemplo.

RP – *Em relação à questão de Bion, a respeito da verdade, eu fiquei curiosa de ouvi-lo falar um pouco sobre a questão da falsidade e da mentira. Como o senhor pensa o que Bion coloca a respeito de falsidade e mentira.*

Giuseppe Civitarese – Sim. Pareceu-me que a questão surgiu da discussão que ele e Klein tiveram sobre se os mentirosos podem ou não ser curados. Há alguém que diz que os mentirosos não podem ser curados, porque, se uma pessoa precisa mentir, a única maneira pela qual pode sobreviver é mentindo. Aquele é o seu sintoma. Todos nós mentimos, senão não poderíamos sobreviver. De quais formas mentimos? Através das ideologias, através daquilo que escolhemos não ver, através da religião.

O paciente que mente em níveis que, em termos consensuais, definiríamos como patológicos, evidentemente é um paciente que se sente atacado por fluxos de emoções que, em jargão, podemos chamar de elementos beta, os quais não consegue transformar. Não podemos exigir dele não mentir mais. Devemos ajudá-lo a fazer crescer a sua mente e ele integrar-se a ponto de não precisar mais recorrer à mentira. Do ponto de vista do campo, de certo ponto de vista, não exclusivo, nem seria uma questão. Porque, se um paciente me contar uma mentira, e eu trato também suas comunicações de realidade como sonho, por consequência trato também a mentira como sonho, então (*risos*) tento entender o que está expressando da maneira como relata certa experiência emocional. Poderíamos dizer ainda muitas coisas, mas acabaríamos por nos estendermos demais. Porque, já que *mente* vem de *mentir*, há de haver uma razão para isso. E *persona* [pessoa] em latim significa *máscara*, assim, ser pessoa significa colocar uma máscara. E a pessoa, como máscara, não faz parte integrante de nosso rosto, está apoiada *sobre* o nosso rosto.

Um filósofo italiano, Esposito, escreveu recentemente um livro que se chama, se me lembro bem, *Le persone e le cose* [*As pessoas e as coisas*], no qual afirma que nosso estatuto de pessoa é continuamente negociado ao longo da vida inteira, sempre dentro da sociabilidade. Por exemplo, uma pessoa que tem dívidas pode perder parte de seu estatuto de pessoa. Na antiga Roma, escravos, mulheres e crianças não tinham o estatuto de pessoa. Mesmo aqui, onde percebêssemos algo com um significado em si, na realidade, tratar-se-ia de um significado que emerge da sociabilidade.

RP – *Já estamos encerrando, mas lhe pedimos permissão para a última pergunta. Gostaríamos que o senhor comentasse acerca de suas ideias sobre o conceito de conflito estético e de que modo trazem acréscimos ao conceito de Meltzer. O senhor nos falou um pouco disto ontem e provavelmente falará de novo depois (risos)...*

Giuseppe Civitarese – Este tema é um tanto difícil; a partir dele me estou ocupando de muitos outros aspectos relacionados ao conceito de conflito estético e seria complicado ser sintético a respeito. O conflito estético é, digamos, aquela ambivalência estrutural, segundo a maneira relatada por Meltzer, e emocional por parte da criança a respeito da mãe. Isto é, fascínio e medo. O que eu propunha naquele trabalho, em relação ao conflito estético – na descrição de Meltzer é excessivamente caracterizado em termos visuais – era de recuá-lo ainda mais, de ir um pouco mais em direção àquele originário, isto é, de reconduzi-lo a algo que se joga em um plano de sensações rítmicas, físicas, em um nível tal que não existe a percepção de ser um sujeito separado. Esta é, portanto, uma linha de desenvolvimento: abordar os ritmos corporais e primitivos que já expressam uma forma de relacionalidade com o objeto.

Outra linha de desenvolvimento muito interessante, mas que não podemos aprofundar aqui, diz respeito aos temas da beleza, do sublime e do prazer negativo. Isso quer dizer que todo sentimento de beleza nasce de um elemento de negatividade, de saber que a beleza passa. Assim, como no conflito estético, o elemento negativo reside no que é obscuro na mente da mãe em relação ao que nos fascina.

Semelhante ao pensamento de Bion, toda ideia nasce da ausência tolerável do objeto. Todos esses temas se relacionam e pode-se dizer que este é seu título: nascimento do pensamento, sentimento do belo ou do sublime, e conflito estético assim como Meltzer o descreve, o qual, aliás, se inspira em Bion, não é ideia sua. Todos esses temas podem ser relacionados em um discurso muito interessante para o nosso trabalho, mas impossível de fazê-lo aqui.

RP – Muito obrigada Dr. Giuseppe, foi excelente, aprendemos muito com sua entrevista.

Giuseppe Civitarese – Foi um prazer. Sempre encontrei muita hospitalidade no Brasil, o que também agradeço.

Recebido em 21/08/2015

Aceito em 13/04/2016

Tradução de **Patrizia Cavallo**
Revisão técnica de **Suzana Iankilevich Golbert**

Giuseppe Civitarese
1 Piazza A. Botta
27100 Pavia – Italia
e-mail: gcivitarese@gmail.com

© *Giuseppe Civitarese*
Versão em Português da Revista de Psicanálise – SPPA